

ESSE VAPOROSO FANTASMA, O NERVOSO. A DOENÇA MENTAL FEMININA NA OBRA DE JÚLIO DINIS

Luís Timóteo Ferreira

Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX – CEIS20 – Universidade de Coimbra

Professor do Ensino Básico

Email:timoteo.ferreira@edu.madeira.gov.pt

Resumo

A obra de Júlio Dinis, pseudónimo literário do médico portuense Joaquim Guilherme Gomes Coelho (1839-1871), ainda que relativamente esquecida e secundarizada na cultura portuguesa, tem sido estudada sob várias perspectivas. No entanto, a presença e o papel das ideias médicas na construção das suas narrativas, no enfoque das temáticas, na caracterização das personagens e na utilização de determinado léxico, apenas tem ocupado um lugar pontual e acessório. Este trabalho procurará evidenciar a presença daquelas ideias no que toca à doença mental na mulher. As personagens femininas que revelam a presença de doença mental são personagens secundárias e em número reduzido. As personagens femininas que sofrem “desse vaporoso fantasma”, o nervoso, são Valentina (*Uma Flor d’Entre o Gelo*, 1864), Cecília (*Uma Família Inglesa*, 1865), Ermelinda (*A Morgadinha dos Canaviais*, 1867), Francisca e a mãe, D. Teresa, e ainda Margarida, uma das pupilas (*As Pupilas do Senhor Reitor*, 1867), Diana de Aveleda, pseudónimo/heterónimo sob o qual publicou cartas literárias no *Jornal do Porto* (*Inéditos e Esparsos*, 1909).

Palavras-chave: Júlio Dinis, mulher, alienismo, medicina, doença mental.

Abstract

The work of Júlio Dinis (pseudonym of the Porto physician Joaquim Guilherme Gomes Coelho, 1839-1871), although relatively forgotten and undervalued in Portuguese literary culture, has been studied from many perspectives. However, the presence and the role of medical ideas on his narratives constructions, on themes explored, on the characters, and even on lexical utilizations, only occupied a punctual and accessory place. This article will try to highlight the influence of these ideas of mental illness in women. The female characters who reveal the presence of mental illness are few and minor ones. The female characters who suffer from "this vaporous ghost", the nervous, are Valentina (*Uma Flor d’Entre o Gelo*, 1864), Cecília (*Uma Família Inglesa*, 1865), Ermelinda (*A Morgadinha dos Canaviais*, 1867), Francisca and her mother, even Margarida one of the “pupilas” (*As Pupilas do Senhor Reitor*, 1867), Diana de Aveleda, pseudonym/heteronym with which he published “literary letters” in *Jornal do Porto* (*Inéditos e Esparsos*, 1909).

Keywords: Júlio Dinis, woman, alienism, medicine, mental illness

Introdução

No pequeno conto *Uma Flor d’Entre o Gelo*, publicado em folhetim no *Jornal do Porto* entre 29 de Novembro e 7 de Dezembro de 1964, e o único assinado como Gomes Coelho, Júlio Dinis¹ caracterizava assim uma das personagens, Jacob Granada, o velho médico positivista

¹ Todos os textos de Júlio Dinis citados neste artigo referem-se à seguinte publicação: DINIS, Júlio – *Obras Completas de Júlio Dinis*. Porto: Lello Editores, 1990.

e materialista: “Era um desapiedado adversário desse vaporoso fantasma, que persegue actualmente as mais delicadas organizações femininas – o nervoso”.

A crermos em Egas Moniz¹, o seu principal ou, todavia, mais ilustre biógrafo, Júlio Dinis trabalhava com afínco os seus textos e nada deixava ao acaso. A sua sensibilidade para detectar hábitos contemporâneos, diríamos hoje como então, fenómenos *de moda*, manifestou-se por várias vezes na sua obra; o que faz com que a referência à saúde mental das mulheres se inscreva já num horizonte social polémico: é preciso compreender como Júlio Dinis relacionou uma questão médica com a crítica à sociedade, à literatura e com uma certa visão das idiossincrasias do sexo feminino.

Valentina, em *Uma Flor d’Entre o Gelo* (1864)

Neste texto, a protagonista, Valentina, jovem e bela, de apenas 20 anos, habitante da cidade, procurara uma estância terapêutica no campo por motivos de saúde. O narrador diz que Valentina possuía “um carácter por natureza móvel, de uma sensibilidade extrema”; “era a personificação de um capricho” e nela “denunciava-se a todo o momento aquela índole essencialmente feminina”.

Em carta a uma amiga, Valentina explicava os seus padecimentos:

“Parecia-me que tudo estava a findar para mim. Era um mal interior que me ralava, que me inquietava, que me impedia repousar. Impacientavam-me as distrações, sufocava-me a atmosfera das salas de baile e dos teatros, aborrecia-me a sociedade, sorria-me a ideia da solidão de um claustro. Tenho a alma morta, dizia eu comigo, como lhe há-de sobreviver o resto? (...) Era o mesmo desfalecimento, a mesma impaciência, a mesma inexplicável mobilidade. (...) Forçava-me a sorrir, a gracejar (...) mas cá dentro tinha o mal que me pungia.”

Valentina reagia veementemente à ortodoxia do seu facultativo, o velho médico Jacob Granada, para quem “tudo são congestões, hipertrofias, inflamações”, desafiando-o no próprio campo da sua ciência:

“Porque me interroga só o pulso? – dizia-lhe; porque me não interroga o pensamento, a imaginação? Não sabe que tenho vinte anos? Não sabe que penso, que sonho, que concebo e que a diferença entre as minhas concepções e a realidade me pode fazer padecer? Não vê que é toda afectiva a minha doença? Quer curar-me com ópio, com ferro, com tónicos e calmantes? Olhe o que faz! Não se lhe importe com o meu sangue, importe-se com o meu espírito, com as minhas fantasias, com as minhas crenças. Complete a sua ciência. Os seus livros de medicina não lhe falam de uma doença que consiste apenas em anelos não realizados? Dê a isso um nome grego e terá feito uma descoberta.”

Esta passagem e todo o enredo do conto revelam a controvérsia médica e filosófica da etiologia moral e psicológica das doenças mentais, tema pouco estudado em Portugal, tal como a época em que as teses espiritualistas e vitalistas consistiam numa espécie de contrapeso à tendência localista e organicista da medicina, teses aquelas que caracterizaram, em grande parte da Europa, a medicina romântica². Pode-se obstar que esta constatação possa ser aplicável a Portugal dada a inexistência de estudos que pudessem traçar alguma da genealogia intelectual dos médicos da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, uma espécie de prosopografia da medicina portuense. Conclusões semelhantes foram avançadas há já quatro décadas por Robert Castel para o caso francês³.

¹ MONIZ, Egas – *Júlio Denis e a sua Obra*. Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1924.

² Sobre a medicina durante o Romantismo, veja-se o clássico LEIBBRAND, Werner – *Medicina Romantia*. Bari: Guis. Laterza & Figli, 1939. Sobre o vitalismo entre os séculos XVIII e XIX, veja-se WILLIAMS, Elizabeth A. – *The Physical and the Moral. Anthropology, Physiology, and Philosophical Medicine in France, 1750-1850*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

³ Veja-se sobretudo o capítulo III da obra CASTEL, Robert – *L’Ordre psychiatrique. L’âge d’or de l’aliénisme*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1977.

Cecília, em *Uma Família Inglesa* (1865)

Não se pode dizer que Júlio Dinis tenha retratado, em Cecília, uma doença mental; antes, a sua possibilidade de desenvolvimento.

Cecília, de dezoito anos, possuía uma “nervosa compleição”; “a melancolia de Cecília”, configurava “todo o sombrio cortejo de ideias tristes”.

“Exagerara-se em Cecília a espécie de exaltação, frequente nas mulheres nervosas, que faz tão prontos nelas os risos como as lágrimas, sob a influência de motivos igualmente pueris. Um amanhecer chuvoso e sombrio, uma flor desfolhada pelo vento, uma borboleta tolhida pela geada, avultam como desgraças grandes; [...] Excita-se a impaciência com uma palavra; vencem-se antigas aversões com um só olhar; um nada basta para destruir longos projectos; novas resoluções vigoram rápidas; acredita-se cegamente nas inspirações do momento; desconfia-se de resoluções meditadas; em uma palavra, tudo então é mobilidade no carácter da mulher. Nunca há menos lógica nos sentimentos, do que em situações assim. O coração pulsa sem ritmo regular, o rubor e a palidez disputam incessantemente as faces virginais, traindo misteriosas lutas interiores.”

Após esta descrição do narrador, é através do pai de Cecília, Manoel Quintino, que Júlio Dinis vai revelando os receios que o progenitor viúvo tem em relação a um possível agravamento do estado da jovem, receios que o fazem também cair doente.

“Manoel Quintino, pouco versado nestes fenómenos do coração, via-lhes só as manifestações, que eram bastantes para o inquietarem. Ninguém lhe tirava da ideia que a filha estava para cair doente, que a doença da mãe se transmitiria a ela também.”

Cecília salvou-se e encontrou a saída da situação de desequilíbrio em que se encontrava através do amor verdadeiro e correspondido. Não tenhamos dúvidas: os finais felizes de Júlio Dinis são uma higiene, uma higiene da alma, antes de ser uma higiene mental¹. Ou uma *eufrenia*, a “boa mente”, como escreveu Egas Moniz².

Ermelinda, em *A Morgadinha dos Canaviais* (1867)

Ermelinda “era uma rapariga de doze anos, alva e franzina” sobre quem uma mulher da aldeia, Sr.^a Catarina do Nascimento de S. João Baptista, “tipo de beata que dispensa descrição” exercia uma influência funesta.

“No ânimo daquela criança, que era de uma organização nervosa [...] exercia a beata uma espécie de fascinação, um misto de respeito e de terror, capaz de dissipar todos os risos dos seus lábios infantis. Era outra na presença da madrinha [...] tremia ao escutar-lhe a voz aguda e penetrante, falando nas penas do Inferno; chorava à menor repreensão que dela recebia, e, contudo, amava-a, porque Ermelinda, na sua candura de criança, supunha a madrinha uma santa; [...] a inocente julgava-se uma grande pecadora quando, depois de ter na mente aquele perfeito tipo, voltava a olhar para si, para o fundo da sua consciência: e que negros e hediondos pecados lá encontrava! Uma pequena mentira que dissera; um domingo em que faltou à missa; um juramento que, sem o sentir, lhe saíra da boca; um jejum que não guardara e outros crimes da mesma força. A amedrontada criança chegava a recear pela salvação da alma.”

O resultado daquela influência foi que se apoderou da pequena Ermelinda um grande terror. Ermelinda ficara com “uma horrível convicção de que tinha a alma perdida”, “tinha remorsos”, “desalento e pavor [que] quase a fizeram doente”.

Certa vez, na ausência demorada do pai que viajara a trabalho, Ermelinda ficou a cargo da madrinha beata e dos missionários ultramontanos que pregavam na aldeia contra as reformas liberais dos enterramentos nos cemitérios civis. Quando o pai retornou a casa, viu a filha

¹ LEPECKI, Maria Lúcia – *Romantismo e Realismo na obra de Júlio Dinis*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1979. p. 72.

² JORGE, Ricardo – “Carta Prefácio.” In MONIZ, Egas – *Júlio Denis e a sua Obra*. Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1924.

num estado lastimoso de tristeza e de magreza devido aos jejuns e mortificações e teve um acesso de fúria contra a madrinha e os missionários.

“Ermelinda soltou um grito dilacerante e agudíssimo ao ver aquilo [a reacção do pai]. O terror secou-lhe as lágrimas. Com o olhar espantado, as faces quase lívidas, as mãos juntas, quis falar, mas não pôde; moviam-se-lhe os lábios descorados, mas não lhe saía a voz da garganta. Cada vez mais cego pelo desespero, o pai já não a atendia. Neste ímpeto de loucura, nesta cegueira de raiva, não viu a filha que, como se galvanizada pelo terror, ergueu-se arquejante, com os braços estendidos, fazendo esforços para falar, e caindo por fim no pavimento inerte e fria como um cadáver.”

Passaram-se semanas e, conta o narrador, “a frequência e intensidade dos acessos diminuía”. Estes acessos eram “Um delírio violento, caracterizado por vagos e mal definidos terrores, gritos angustiosíssimos, contracções espasmódicas, que parecia despedaçarem aquele corpo frágil e delicado, surgiram de novo, e, ao dissiparem-se, deixaram, como rastros, uma prostração extrema, uma quase completa insensibilidade de funesta significação.” Por fim, Ermelinda faleceu após ligeira melhoria.

Francisca e a mãe, D. Teresa, em *As Pupilas do Senhor Reitor* (1867)

A Sra. Teresa de Jesus, “gorda e rubicunda matrona”, era esposa de Sr. João da Esquina. Diz o narrador que “Os nervos, já se sabe, representavam um papel importantíssimo na série de catástrofes, que a organização da Sra. Teresa vira cair sobre si durante os quarenta e nove anos da sua existência.” A filha de ambos, Francisca, de 21 anos, dera preocupações de saúde aos pais, e foi o que motivou a chamada do jovem médico Daniel, recém-chegado à aldeia.

“A doença, que actualmente molestava esta progénie dos senhores da Esquina, era uma impertinência nervosa, dessas para as quais se receitam banhos de mar.”

O jovem médico tratou-a com recurso à palavra, tratamento moral que chegou ao ponto de lhe ter endereçado um poema, algo que causou escândalo na aldeia. O diálogo entre o reitor e o médico decorreu assim:

— Eu tenho ido a casa dela, é verdade.

— Ah!

— Mas... como médico...

— Não está má medicina a sua! Então que tratamento lhe aconselhou?

— Confortativo — respondeu Daniel, gracejando.

— Ah! e o boticário entenderia as receitas que escreveu?

— Nem todos os conselhos médicos precisam do auxílio do boticário. Os banhos do mar, os passeios, os leites de jumenta, e as diferentes prescrições do tratamento moral, por exemplo.

— Estou vendo que foi um tratamento moral o que fez.

— Exactamente.

Seria este um dos indícios de um Júlio Dinis psicanalista *avant-la-lettre* como o sugeriu Egas Moniz? É difícil sustentar semelhante opinião, como a de Egas Moniz, opinião essa, diga-se em boa verdade, pouco sustentada, pese embora a existência de um património intelectual da medicina romântica e um contexto de controvérsias ainda mal estudados e algo esquecidos¹. Para o caso germânico, Otto Marx afirmou que “the romantics were more recently hailed as forerunners of modern psychotherapy and psychoanalysis”².

¹ WILLIAMS, Elizabeth A. – *The Physical and the Moral. Anthropology, Physiology, and Philosophical Medicine in France, 1750-1850*.

² MARX, Otto M. – German romantic psychiatry - Part 2. *History of Psychiatry*. Vol. 2. n.º 5 (1991). pp. 1-25.

Margarida, em *As Pupilas do Senhor Reitor* (1867)

As pupilas são as irmãs Margarida e Clara.

“A aparência jovial de Clara fazia realçar, pelo contraste, o vulto melancólico de Margarida.”

Margarida vivera “a amargura de uma existência sem carinhosas afeições”, “habitou-se de pequena à vida da solidão —e é sabido que hábitos de melancolia se adquirem nesta escola. — Foi, pouco a pouco, contraindo o carácter triste e sombrio que é o traço indelével que fica de uma infância, à qual se sufocaram as naturais expansões e folguedos, em que precisa de trasbordar a vida exuberante dela.”

Seria escusado dizer Margarida também teve um final feliz pelo casamento e pelos afectos sinceros do coração que foram a condição da sua saúde e felicidade e a do jovem médico Daniel. Recorde-se a força desta imagem literária na frase de Ricardo Jorge: “a revivescência luminosa da idealíssima Margarida que iniciou a minha puberdade no platonismo do amor”¹.

Esse vaporoso fantasma, o nervoso

O nome grego que a personagem Valentina, do conto *Uma Flor d'Entre o Gelo* (1864), invocava poderia ser aquele inventado por William Cullen, em 1769: “neuroses or nervous diseases”, que cobre um amplo espectro da nosografia de então. Cullen, porém, não valorizou, como muitos autores após ele também não o fizeram, a dimensão afectiva da doença mental, sobrevalorizando a noção de uma doença da razão e do intelecto.

German Berrios, num artigo já de 1985, criticara a visão exclusivamente intelectualista da doença mental:

“Nineteenth-century psychiatrists emphasized the disorders of thinking to the detriment of the pathology of affectivity. In a way, this is not surprising. This relative neglect simply reflected earlier views on the subordinate role played by the emotions in the definition of man.”²

O problema do léxico daquelas patologias da afectividade, bem como o problema do diagnóstico retrospectivo ou da história da sintomatologia, não são problemas de menor importância: ainda segundo Berrios, os termos “vapores”, “spleen”, “hipocondria”, “melancolia”, era o que Cullen chamava “neuroses” no séc. XVIII, e que Sydenham e Willis, no século anterior, chamavam “desordens nervosas ou dos nervos”. Tais terminologias perduraram de forma muito confusa na teoria médica romântica e, de certa forma, extravasaram para o senso comum e para a literatura.

Um aspecto muito relevante na obra de Júlio Dinis, e que precisa ser mais profundamente estudado, é justamente a dimensão afectiva das situações de desequilíbrio (de sofrimento, de dúvida, de tristeza ou de insegurança) que muitas das suas personagens manifestam, tanto homens como mulheres. O nervoso não seria apanágio das mulheres. Não nos esqueçamos da *hipocondria* e da *mania* de que sofria Henrique de Souselas em *A Morgadinha dos Canaviais*. Também na obra *As Pupilas do Senhor Reitor*, Clara, uma das pupilas, revelava o lugar-comum da nosologia de então quando se espantava com Daniel, o jovem médico formado na cidade que retornara à aldeia: “Nervoso! Então também é nervoso? Eu cuidei que isso era só das senhoras da cidade!”.

¹ JORGE, Ricardo – “Carta Prefácio.” In – MONIZ, *Júlio Denis e a sua Obra*, Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1924.

² BERRIOS, German E. – The psychopathology of affectivity: conceptual and historical aspects. *Psychol Medicine*. Vol. 15. n.º 4 (1985). pp. 745-58. 0033-2917 p.745

Conclusão

As emoções e os sentimentos fazem, em Júlio Dinis, parte integrante da definição do género humano, de uma antropologia médica, e sobretudo do género feminino. Numa época em que a medicina, ainda taceantemente em busca de uma fundamentação empírica que transcendesse as querelas das diversas escolas, Júlio Dinis tendia a ver a possibilidade de uma *ciência do coração* que explicasse os “afectos do coração”, como costumava dizer. “Penso eu que o moral e o físico da humanidade andam sob o império de forças multiplicadíssimas, muitas das quais ainda estão por descobrir ou estudar”, dizia o narrador em *As Pupilas do Senhor Reitor*. Rejeitando a tradição monista e materialista das relações entre o físico e o moral que vinha já de Cabanis, Júlio Dinis inclina-se, claramente, no sentido da tradição vitalista e espiritualista da escola de Montpellier que teve em Lordat o expoente máximo de uma filosofia médica do Romantismo.

Referências bibliográficas

BERRIOS, German E. – "The psychopathology of affectivity: conceptual and historical aspects." *Psychol Medicine*. Vol. 15. n.º 4 (1985). pp. 745-58. 0033-2917.

CASTEL, Robert – *L'Ordre psychiatrique. L'âge d'or de l'aliénisme*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1977. 9782707301468.

DINIS, Júlio – *Obras Completas de Júlio Dinis*. Porto: Lello Editores, 1990. 9789724801896.

JORGE, Ricardo – "Carta Prefácio." In MONIZ, Egas – *Júlio Denis e a sua Obra*. Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1924.

LEIBBRAND, Werner – *Medicina Romantia*. Bari: Guis. Laterza & Figli, 1939.

LEPECKI, Maria Lúcia – *Romantismo e Realismo na obra de Júlio Dinis*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1979.

MARX, Otto M. – "German romantic psychiatry - Part 2." *History of Psychiatry*. Vol. 2. n.º 5 (1991). pp. 1-25.

MONIZ, Egas – *Júlio Denis e a sua Obra*. Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1924.

WILLIAMS, Elizabeth A. – *The Physical and the Moral. Anthropology, Physiology, and Philisophical Medicine in France, 1750-1850*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. 0521524628